

GÊNERO, FEMINISMO, PODER E RESISTÊNCIA NA CONTÍSTICA DE AUTORIA NEGRA FEMININA

GENDER, FEMINISM, POWER AND RESISTANCE IN SHORT STORIES WRITTEN BY BLACK FEMALE

Rubenil da Silva Oliveira¹

Endereço: Rua da Paz, 17 Bairro: Vila Coelho Dias, Bacabal – MA.
E-mail: rubenoliveira50@hotmail.com

Benedito Ubiratan de Sousa Pinheiro Júnior²

Endereço: Tv. Castelo Branco, 1746, ap.1802, São Braz- Belém-PA.
E-mail: birajr_78@yahoo.com.br

Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões³

Endereço: Tv. Tiradentes, nº 590 Apart. 1001 – Bairro: Reduto - Belém – PA.
E-mail: galvao@ufpa.br

Resumo: O presente artigo objetiva analisar a apropriação das categorias conceituais – gênero, feminismo, poder e resistência na contística de autoria negra feminina. Para isso, optou-se pelo uso dos contos – *O tapete voador* e *Nkala: um relato de bravura*, da escritora Cristiane Sobral e que fazem parte do livro *O tapete voador* (2016) e textos teóricos sobre as categorias analisadas. Os contos trazem a ideia de empoderamento feminino, as protagonistas não se deixam dominar, mesmo que isso lhes tenha custado o emprego ou a vida.

Palavras-chave: Crítica feminista; Negritude; Literatura negro-brasileira.

Abstract: The present article aims to analyze the appropriation of conceptual categories - gender, feminism, power and resistance in short stories written by black female. For that, we chose to use the short stories - *O tapete voador* e *Nkala: um relato de bravura*, of the writer Cristiane Sobral, which are part of the book *O tapete voador* (2016) and theoretical texts about the categories analyzed. The tales brings the idea of female empowerment, the protagonists do not allow themselves to be dominated, even if it has cost their job or their life.

Keywords: Feminist criticism; Blackness; Black-Brazilian literature.

1 Doutorando em Letras - Estudos Literários (UFPA). Pesquisa Relações de Gênero na Literatura Afro-brasileira, sobretudo, homoafetividade, feminino e sexualidades, além de pesquisar sobre tecnologias educacionais no ensino de línguas e literaturas, leitura, análise do discurso e formação do léxico português brasileiro.

2 Doutorando em Letras - Estudos Literários pelo programa de pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Pará - UFPA Campus Belém. Atua como professor do PARFOR e também como Professor na UFPA campi de Abaetetuba, Bragança, Capanema e Castanhal. Atualmente é Professor Efetivo de Língua Espanhola e suas respectivas Literaturas na Faculdade de Ciências da Linguagem, campus de Abaetetuba- PA.

3 Doutora em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986). Atualmente é professora da Universidade Federal do Pará, coordenadora do Programa de Estudos Geo-BioCulturais da Amazônia - Campus Flutuante, da Universidade Federal do Pará. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras.

Na cena contemporânea quando se fala de gênero, feminismo e das lutas das mulheres ao longo da história, imagina-se a construção social elaborada pelos sujeitos masculinos e femininos no curso de suas vivências e das relações sociais engendradas entre os sexos. Todavia, acresce-se que nem sempre essas relações entre os gêneros foram harmônicas e que desde as sociedades primitivas elas se manifestavam como desiguais, pois mesmo quando após um conflito bélico ou pós-regimes autoritários as mulheres estão em constante perigo, como se existisse um *continuum* da violência⁴. Essa propensão à violência é mais expressiva quando considerada a presença das mulheres negras, visto que elas não tinham voz e seus saberes não eram respeitados⁵, eram corpos dominados, subjugados e suas representações carregavam as tintas do poder opressor.

Sabe-se que as sociedades um dia foram matriarcais, a princípio, e depois, com o ensejo da propriedade privada e desenvolvimento das sociedades agrícolas tornaram-se patriarcais⁶, embora, na história, existam culturas nas quais se considere não ter havido desigualdade entre os gêneros. Por essa razão, pergunta-se ainda: quando um sexo ou gênero se sobrepõe socialmente sobre o outro, isso revela ou não a existência da desigualdade de gênero? O que caracteriza a desigualdade de gênero? Como as mulheres negras são representadas neste cenário tão desigual? Essa última pergunta regressa à ideia de que as mulheres negras durante o período escravagista eram apenas um corpo dominado para o trabalho doméstico e para a satisfação da libido sexual masculina, a exemplo das representações literárias feitas de Bertoleza e Rita Baiana, no romance naturalista *O Cortiço*⁷, de Aluísio Azevedo.

O objetivo geral deste artigo foi analisar a apropriação das categorias conceituais – gênero, feminismo, poder e resistência na contística de autoria negra feminina. Por isso, foi necessária a leitura de autores como Rose Marie Muraro (2011), Joan Scott (2011), Thomas Bonnici (2007), Judith Butler (2003), Pierre Bourdieu (2014), Michel Foucault (2014), Peter N. Stearns (2015) e outros autores que tratam dessas categorias conceituais. Considera-se que essas categorias estão imbricadas quando se trata das representações literárias de autoria feminina, porque o lugar dado às mulheres na cena literária reforça o imaginário de que há um exercício de poder quando essa mulher tem a autoridade para falar de si e das outras mulheres que marcam a sua ancestralidade.

Além disso, como corpus literário, tomaram-se os contos – *O tapete voador* e

4 MOURA, Tatiana; ROQUE, Sílvia; ARAÚJO, Sara; RAFAEL, Mónica; SANTOS, Rita. Invisibilidades da guerra e da paz: violências contra as mulheres na Guiné-Bissau, em Moçambique e em Angola. In. Revista Crítica de Ciências Sociais. n. 86, setembro, 2009, p. 95-122. Disponível em: <<https://rccs.revues.org/240>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

5 DALCASTAGNÈ, Regina. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. In. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 20. Brasília, julho/agosto de 2002, pp. 33-87. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4846244.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017.

6 STEARNS, Peter N. História das relações de gênero. Trad. Mira Pinsky. 2. ed. 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2015.

7 AZEVEDO, Aluísio. O Cortiço. 8. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012. (Coleção a obra-prima de cada autor, 72)

Nkala: um relato de bravura, da escritora Cristiane Sobral e que integram o livro *O tapete voador*⁸, publicado em 2016, uma vez que neles pode se encontrar elementos que demonstram a força e resistência das mulheres negras, as quais têm o domínio sobre si e não aceitam a dominação do outro. No conto *O tapete voador*, Bárbara é uma jovem negra, filha de uma empregada doméstica e de um porteiro, bem sucedida no trabalho em uma renomada empresa e, por isso, resolve pedir à empresa o apoio para cursar uma pós-graduação. Todavia, ao ser recebida pelo presidente, este, que era também negro, só que embranquecido⁹ procura usar todos os argumentos que a fariam embranquecê-la e só assim atenderia o seu pedido, condição que ela nega de forma veemente e, por esse ato, ela além de resistir também se demite da função.

Já em *Nkala: um relato de bravura*, a personagem-título tem o seu reino, no Congo, onde era filha única, princesa e ao ter sua aldeia invadida teve o pai e a mãe mortos, foi capturada como prisioneira, atravessou o Atlântico e ao ser posta como peça no mercado de escravos, dançou livremente como forma de resistir, por isso, foi morta de tanto ser açoitada. Assim, vê-se que as mulheres da literatura de Cristiane Sobral desconstroem o estereótipo da fragilidade feminina, são jovens conscientes da sua negritude e, por isso, carregam em si as marcas da ancestralidade, além de demonstrar que nos espaços ocupados por elas “não havia necessidade da força física para a sobrevivência, e nelas as mulheres possuíam um lugar central”¹⁰.

É fundamental para a compreensão da crítica feminista na literatura que sejam conhecidas as fases pelas quais já passou a história das mulheres e os conceitos existentes em cada período, inclusive as desigualdades existentes entre os gêneros como resultante da ação conservadora do patriarcado. Neste sentido, além dos conceitos de gênero, feminismo, poder e resistência, patriarcalismo, pode-se mencionar outros, como falocentrismo, sexo, alteridade, identidade e outras formulações existentes na literatura. Portanto, convém ressaltar que a teoria crítica difere as mulheres brancas das mulheres negras, até mesmo na cena literária, por sua vez, a escrita das mulheres negras tem demonstrado que elas escrevem com genialidade acerca do poder por elas alcançado depois que tiveram acesso à voz.

Ao considerar a história bíblica da criação do mundo notar-se-á que desde o princípio a estrutura social baseia-se na junção dos pares – macho e fêmea, considerando que desde Adão e Eva aos animais colocados na arca de Noé, todos foram organizados em pares – macho e fêmea. “Tome um casal de cada ser vivo, isto é, macho e fêmea, e coloque-os na arca, para que conservem a vida juntamente com você. De cada espécie de aves, de cada espécie de animais, de cada espécie de todos os répteis da terra,

8 SOBRAL, Cristiane. *O tapete voador*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

9 O embranquecimento do negro não se refere a uma nova cor da pele, mas à mudança de hábitos que os aproximam da comunidade opressora, no caso, os brancos. Por exemplo, o alisamento dos cabelos das mulheres negras é uma prática do embranquecimento cultural.

10 MURARO, Rose Marie. Breve introdução histórica. In: KRAEMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras*. Trad. Paulo Frões. 22. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2011. p. 5.

tome com você um casal, para os conservar vivos”¹¹.

O texto bíblico, geralmente, é usado como justificativa para se contrapor à ideia de gênero para além da binariedade, visto que a existência do casal reforça esse paradigma e admite que há apenas dois gêneros – o masculino e o feminino. Não existe, tampouco houve algum dia um terceiro gênero, supõe-se que essa afirmativa pode ter sua razoabilidade quando pensado o paradigma médico no qual a Psicologia e a Psiquiatria enquanto ciências do comportamento enquadravam as homossexualidades como uma doença mental – a inversão. Por outro lado, o conceito de gênero na ótica do senso comum pode servir de referência a qualquer classe que tenha características comuns como na literatura – gênero lírico, gênero dramático, gênero épico/narrativo. Neste sentido, ressalta-se a necessidade de que sejam conhecidos os conceitos fundantes que auxiliam o sujeito na compreensão da categoria gênero como demonstração da sexualidade, indo além da visão do par – homem/mulher e situando-se na difusão dos campos político, social, econômico e ideológico.

Diante desses postulados, compreendeu-se que a variação da estrutura orgânica dos corpos – masculino/feminino e macho/fêmea – contribui para essa diferenciação, exemplificando, a presença do falo para designar o ser pertencente ao masculino, utilizando-se ainda da terminologia sexo. Por essa razão, ressalta-se que entre muitos significados atribuídos à categoria conceitual gênero, o que mais interessa aos estudos da crítica feminista é o que as situa como categorias construídas através dos vieses social e cultural. Este ultrapassa a ideia da divisão binária – homem/mulher e amplia-se nos campos político, social, econômico e ideológico, além de outros, os quais estão presentes na percepção de outros estudiosos da crítica feminista¹².

Sendo o conceito de sexo uma categoria biológica, na percepção dos críticos feministas estadunidenses, essa pode ser concebida como uma construção cultural que se molda conforme os padrões evolutivos da sociedade¹³. Por essa razão, vê-se que essa noção põe as mulheres numa fronteira cambiante na qual não se pode afirmar uma ideia concreta acerca da identidade dos sujeitos na história das sociedades. Porque as identidades são estruturas moventes, não fixas, as quais se renovam continuamente conforme as experiências de cada sujeito e, sendo sujeitos sociológicos essas mudanças é parte do homem e não podem em nenhum instante ser esquecidas¹⁴. Em conformidade com o conceito de identidade posto constatou-se que as narrativas tecidas por mulheres negras podem assumir a categoria de literatura de resistência ao poder opressor do masculino, patriarcal e heterossexista, porque elas:

11 GÊNESIS, capítulo 6, versículos 19-20.

12 BONNICI, Thomas. Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

13 BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. (Sujeito e História)

14 HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

[...] desde o século XVIII vêm de maneira insurgente construindo mecanismos de eliminar as(os) mediadoras(es) de suas vozes, que insistem em contínuas formas de representações equivocadas, que não foram construídas pelas próprias escritoras negras, mas se cristalizou no imaginário nacional como uma verdade totalizadora e inquestionável, que é o lugar dado à subserviência, a uma trajetória de vida pouco interessante¹⁵.

Os modos de representação das mulheres negras foram equivocados e silenciaram as mesmas, silêncio este que é quebrado nas narrativas de Cristiane Sobral, as mulheres negras resistem porque, hoje, têm consciência de si, estudaram assim como Bárbara e resistiram como ela e também como Nkala, apenas com o ritmo do seu corpo. Neste contexto, exprime-se que as mulheres negras possuem uma identidade que legitima a sua voz sem que haja um processo de mediação de outras vozes como acontecera em outrora, essa legitimação pode ser considerada como um dispositivo de poder e de resistência alcançado pelas mulheres negras. Desse modo, afirma-se que:

[...] as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de autorrepresentação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira¹⁶.

O fragmento evidencia que a imagem das mulheres negras construídas por mãos de outras mulheres negras recuperam o lugar dos silêncios das suas ancestrais, suas dores acumuladas em outras vidas, em um processo de lembrar para poder resistir diante das forças atávicas da opressão. Reconhecer-se dentro de um espaço onde suas dores não carregavam suas vozes, eram vozes sem um lugar de enunciação específico, já que a narração não exprimia as dores do narrador, não se tratando aqui apenas da refutação da voz masculina para a representação do feminino. Todavia, o que se diz é, quando o narrador não viveu ou a vivência dele não está associada a um viés ideológico, há rasuras no processo de construção das imagens, pois “os olhares estereotipados sobre as realidades têm sempre resultados perversos”¹⁷.

O olhar estereotipado aparece no conto *O tapete voador* em duas versões, na primeira, Bárbara se choca pelo fato de o presidente ser negro, como visto em:

15 FELISBERTO, Fernanda. Selfie: eu mulher negra escritora. In: LISBOA, Ana Paula; SILVA, Cidinha da; EVARISTO, Conceição; SOBRAL, Cristiane; RIBEIRO, Esmeralda; TRINCHÃO, Fátima; GUIMARÃES, Geni; VIEIRA, Lia; ALVES, Miriam; SANTO, Taís Espírito. Olhos de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira - contos e crônicas. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

16 EVARISTO, Conceição. Fêmea fênix. In: Maria Mulher - Informativo, ano 2, n. 13, 25 jul. 2005.

17 MOURA, Tatiana; ROQUE, Sílvia; ARAÚJO, Sara; RAFAEL, Mônica; SANTOS, Rita. Invisibilidades da guerra e da paz: violências contra as mulheres na Guiné-Bissau, em Moçambique e em Angola. In: Revista Crítica de Ciências Sociais. n. 86, setembro, 2009, p. 95-122. Disponível em: <<https://rccs.revues.org/240>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

O presidente era um homem muito ocupado, Bárbara sentou na cadeira indicada pela secretária. Era um local onde cada um devia saber o seu lugar. Ansiosa, mexia os dedos das mãos, acariciando a aliança de compromisso que usava. Distraída, perdeu a chegada rápida do presidente. Surpresa, Bárbara levantou bruscamente. Não estava sonhando. Estava surpresa! O presidente era um homem negro! Um negro na presidência daquela multinacional! Nunca havia visto fotos do presidente, pois só falava por meio do seu porta-voz, e ele não costumava comparecer aos eventos sociais, devido a impedimentos de agenda. O presidente era tão importante que fazia questão de ser invisível, intocável. Bárbara estava atônita¹⁸.

O excerto evidencia que a surpresa e/ou estranhamento de Bárbara se deve ao fato de o presidente da multinacional ser um negro, então, para ela que era também negra, estudiosa, consciente da sua etnia e ascendia na empresa, isso pode ser um sinal positivo de que ela também poderia vir a crescer. Entretanto, esse estereótipo serve para instalar um novo conflito e percebermos enquanto leitores que há nele dois outros problemas – o embaquecimento social que invisibiliza a face negra do presidente, o que é sustentado no fato de não existir nenhuma foto dele na empresa, de existir um porta-voz para que ele não apareça, a sua ausência nos eventos e de ninguém ter acesso a ele.

O outro problema que se interpõe é o da diferença entre os gêneros, mesmo o presidente e Bárbara sendo pertencentes à mesma etnia, são diferentes, ele reconhece nela o talento e o profissionalismo. Contudo, depois de elogiá-la, demonstra a diferença e o preconceito que recaem sobre a imagem da mulher negra, inclusive no mundo do trabalho, à medida que ressalta a feiura do cabelo da mulher negra, como visto em:

- Eu confesso que aprendi a duras penas o que é preciso para crescer aqui. Creio que devo alertá-la. Sobre a sua carta, bem, eu entendo o seu desejo de querer estudar. Você de fato chegou longe considerando a maioria negra deste país, deve se orgulhar! Veja o caso das mulheres negras então! Você é dona de uma trajetória ímpar.

Bárbara estava ficando confusa. Onde aquela conversa iria parar?

- Entretanto, há outras coisas que você deve aperfeiçoar. O seu marketing pessoal, por exemplo. Não me leve a mal, mas já temos bons produtos para minimizar acidentes genéticos desagradáveis, como o cabelo do negro. É um dos seus defeitos. Seu cabelo é péssimo. Mas não se aflija com isso, eu posso ajudar. Costumo viajar para o exterior e a minha esposa poderá trazer ótimos cosméticos, sem nenhum incômodo. Nem vai ser preciso agradecer. Entenda esse gesto como um investimento nos recursos humanos da empresa. A cor não precisa ser um fardo para os mais

18 SOBRAL, Cristiane. O tapete voador. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

desenvolvidos. Vou fazer a minha parte, mas prometa que não vai deixar a sua negritude assim tão evidente. É possível sim, sua pele não é tão escura, poderá ser facilmente disfarçada. Você só precisa de alguns esclarecimentos... tem um futuro brilhante, alvíssimo, sem dúvida.¹⁹

Mediante o fragmento constatou-se que Bárbara personifica o empoderamento das mulheres que assim como ela são negras, tiveram suas ancestrais escravizadas, estupradas por seus senhores, silenciadas diante da venda dos seus filhos, mas ela é diferente, se educou, é trabalhadora livre. Entretanto, o poder conquistado é ameaçado pelo presidente da multinacional em que ela trabalhava, mesmo que ele reconheça as lutas históricas enfrentadas pelas mulheres negras, inclusive ele reforça a luta pessoal dela para está ali, o que a diferenciava de muitas outras mulheres. Ele, por sua vez, representa o poder antagônico ao empoderamento feminino através de diversas faces – é presidente da multinacional, é homem heterossexual e age em nome da força do sistema capitalista embranquecido o qual reforça os paradigmas de dessubjetivação do negro.

Compreende-se que esse processo de dessubjetivação é uma ação contrária a negritude enquanto movimento que objetivava “[...] recusar o embranquecimento cultural e voltar às suas raízes [...], o negro intelectual descobre que uma possível solução a essa situação residiria na retomada de si, na negação do embranquecimento, na aceitação de sua herança sociocultural que, de antemão deixaria de ser considerada inferior”²⁰. Por essa razão, vê-se que o movimento da negritude representa uma reação às imposições de uma elite branca a qual usa como dispositivo de que tudo que pertence ao negro é feio ou ruim como visto quando o presidente diz que o cabelo dela era péssimo e mais ainda ao afirmar que ela deveria disfarçar a sua negritude para que tivesse um futuro melhor e diferente de outras mulheres negras. Ainda sobre a tentativa de imposição do domínio discursivo do branco sobre o negro a partir do racismo velado, sustenta-se:

- Desculpe. Com o passar do tempo estou tendo alguns “brancos”, cada vez mais frequentes... São instantes de paz.

A moça estava imóvel.

- Mais uma dica. Você precisa aprender a jogar conforme as regras. Para que insistir em ser negra em um país racista? Quanto menos você declarar a sua negritude, melhor. Veja, por exemplo, o caso de alguns negros bem-sucedidos. A sociedade deu uma oportunidade de crescimento a eles e eles retribuíram, casando com mulheres distintas, brancas, recatadas, exímias donas de casa, puras com bons genes, para que o futuro seja melhor, sem esses defeitos de cor. Digo isso porque fiquei sabendo que você tem um

19 SOBRAL, Cristiane. *O tapete voador*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

20 MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988. (Série Princípios).

namorado negro. Desculpe invadir a sua privacidade, mas isso é um atraso! Vai levar você para o mundo degradado! O mundo dos alcoólatras, dos vagabundos, dos criminosos. Mas eu entendo você. Também já fui negro um dia. Numa fase dolorosa que procuro esquecer, aliás, pago um ótimo terapeuta alemão, que tem reformulado a minha autoimagem. Tenho dinheiro suficiente para estar acima de qualquer suspeita. Sou a prova de que o racismo não existe para aqueles que sabem se misturar à paisagem, como os camaleões. Quem olha para mim, hoje, nunca vai dizer que sou negro, é digamos, apenas um detalhe biológico. Entendeu o meu ponto de vista? Não sou negro, somos todos iguais, vivemos em uma democracia racial, onde todos os que se esforçam podem vencer. Se não venceram, é porque ainda não se esforçaram o suficiente²¹.

Percebeu-se que o presidente se vale do discurso meritocrático das elites brancas as quais atribuem aos negros a culpa pelo seu infortúnio e impossibilidade de acesso ao poder como meio de conquistar a autonomia, inclusive busca apagar as marcas étnicas ao fazer uso do discurso mítico da democracia racial. Mítico aqui assume a ideia de invenção, pois se acredita que há uma dicotomia do poder entre os que possuem poder aquisitivo e os que possuem apenas a sua força de trabalho, sustenta ainda que a etnia negra é um defeito que leva o sujeito negro à degradação. A negritude é também “uma resposta racial negra a uma agressão branca de mesmo teor”²² e ainda uma alternativa para que se retorne às raízes e promova a valorização das experiências e saberes dos ancestrais, uma forma de resistir a uma “ditadura” onde só é belo e bom aquilo que é branco ou pertencente aos brancos.

No tocante ao domínio do corpo das mulheres pelos homens, nos escritos bourdieuanos, pode ser sustentado que a dominação dos gêneros enquanto troca simbólica é uma prática já corporificada, por isso, capaz de tornar tanto os homens quanto as mulheres em vítimas²³. Neste modelo, o corpo é tomado como sendo um espaço de disputas de poder, como marca específica da identidade desde o nascimento, seja homem ou mulher, nesse caso, sustenta-se que ambos os corpos encontram-se sujeitos a sofrerem alguma forma de violência. Embora o homem seja reconhecido como vítima, constata-se que a dominação sobre o corpo feminino é ainda mais transgressora, sobretudo, quando se trata do poder exercido sobre o corpo da mulher negra, como se percebe no início da conversa entre Bárbara e o presidente.

Além disso, o sexo foi instalado como uma categoria definidora da posição de dominado ou dominador a etnia também se mostra um espaço de lutas para reagir à dominação e, nesse conjunto, o corpo é o espaço de disputa do poder por excelência, um jogo que se articula face às experiências de cada sujeito. Constata-se ainda que o

21 SOBRAL, Cristiane. *O tapete voador*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

22 MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988. (Série Princípios).

23 BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

poder sobre os corpos negros é atravessado pela tentativa de dessubjetivação da identidade negra, pois os cosméticos do exterior são dispositivos que ajudariam Bárbara a perder a sua identidade como mulher negra, já que seus cabelos seriam modificados e a sua cor seria atenuada, pois ela nem tinha uma pele tão escura. No entanto, Bárbara resiste ao discurso do poder assimilado pelo presidente e refuta qualquer proposta que promova o apagamento das suas raízes conforme visto no excerto a seguir.

- Veja Senhor Presidente, eu sou negra. Negra! Quando acordo, quando durmo, quando amo, quando trabalho. Eu sou apaixonada por um homem negro e sonho em ter filhos negros um dia. Jamais poderei deixar de ser o que sou. Agradeço pela oportunidade, mas não posso corresponder à expectativa desta empresa. Eu me demito.

Bárbara retirou o crachá da empresa e deixou sobre a mesa do chefe.

Ele ainda tentou argumentar, dizendo que ela iria se arrepender, mas ela não deu ouvidos. Saiu sem olhar para trás²⁴.

Observa-se no fragmento que Bárbara resiste às tentativas de convencimento ao apagamento das suas marcas étnicas, sobretudo quando se refere ao namorado que é negro e com quem ela deseja casar para que também tenha filhos negros e, por isso, nega o trabalho, como se percebe quando ela tira o crachá e se demite. A atitude dela reforça a ideia de que ela é uma mulher consciente, empoderada, por isso, se nega a mudar, a ficar sem suas raízes, pois ela não se veria em outro lugar que não o seu. Porque na escrita de Cristiane Sobral “o lugar de enunciação mostra-se solidário e identificado com os menos favorecidos, vale dizer, sobretudo, com o universo das mulheres negras. E o universo do sujeito autoral parece ser recriado através das características físicas, psicológicas, sociais e econômicas de suas personagens do gênero feminino”²⁵. Por outro lado, o percurso dos negros na história pode ser alinhado à categoria gênero não somente como categoria de análise, mas por suas representações enquanto categorias sociais e históricas, de base descritivista e associada à teoria crítica feminista entrecortada por ambiguidades como ressalta Joan Scott.

Nota-se na fala do presidente da empresa certa admiração da trajetória e sucesso de Bárbara na empresa, pois o que se vê no contexto social é o insucesso do negro no mundo do trabalho, pois como marca do escravagismo cabe à maioria negra os subempregos, a informalidade e os trabalhos domésticos, na sua maioria, não regularizados. Por essa razão, lê-se na ascensão de Bárbara e na do presidente que, no

24 SOBRAL, Cristiane. O tapete voador. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

25 OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. O romance afro-brasileiro de recorte autoficcional: “escrevivências” em Becos da memória. In. DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Orgs.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016. p. 74.

trabalho deles, há um exercício de poder, eles ocupam cargos que a maioria negra não teve acesso, embora se perceba que há outro dispositivo social que os leva a alcançar esse lugar o qual os diferencia dos demais – a educação. Nesta perspectiva, compreende-se que dispositivo quando se trata das discussões sobre gênero e sexualidade na perspectiva foucaultiana é:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. [...] em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. [...] entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante²⁶.

Em conformidade com o pensamento foucaultiano a categoria conceitual dispositivo consiste na criação de vínculos entre elementos, os quais se imbricam para alcançar um fim, a resolução de uma problemática, a elucidação de um elemento surpresa. Entretanto, deve-se considerar que os dispositivos são dinâmicos, flexíveis e assim como as identidades, moventes. Essa movência dos dispositivos aproxima ainda mais dos estudos de gênero e da crítica feminista, pois evolui, outra implicação é que quando se fala de dispositivo constata-se um jogo dual entre as categorias conceituais poder/dominação e a cultura de resistência dos movimentos sociais. Desse modo, vê-se que as diferenças existentes entre os gêneros provocam a necessidade da existência de um dispositivo de controle, não de dominação e ao tratar desse embate nas questões de gênero ressalta-se que:

A questão das diferenças dentro da diferença trouxe à tona um debate sobre o modo e a conveniência de se articular o gênero como uma categoria de análise. Uma dessas articulações serve-se do trabalho nas ciências sociais sobre os sistemas ou estruturas do gênero; presume uma oposição fixa entre os homens e as mulheres, e identidades (ou papéis) separadas para os sexos que operam consistentemente em todas as esferas da vida social²⁷.

26 FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. p. 364-365.

27 SCOTT, Joan. *História das mulheres*. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Unesp, 2011. p. 91.

Por outro lado, ao serem discutidos os conceitos de sexo e de gênero, eles são apontados como sendo uma formulação biológica e uma construção da sociedade e cultura reguladas por uma linguagem, por isso, a afirmação de que: “as mulheres como ‘o sujeito’ do feminismo é em si mesma uma formação discursiva e efeito de uma dada versão da política representacional. Assim o sujeito feminista se revela discursivamente constituído, e pelo próprio sistema que deveria facilitar sua emancipação [...]”²⁸. É nesta perspectiva que foi inscrita a identidade de Nkala, mulher apegada aos valores da família e aos valores do patriarcado, mediante o que se nota em:

Nkala, princesa do Reino do Congo, filha única do Rei Lukeni Lu-Nimi, vivia mais um dia em família, em sua aldeia africana. Com os seus desfrutava um tempo bom, era dia de festa, um desses instantes para relembrar. Era uma moça muito apegada à sua família. Com a mãe aprendera as artes do amor, com o rei, seu patriarca, as artes da guerra. Sempre prometera ao seu genitor que, chegada a hora, reinaria entre os seus com sabedoria. Nkala era conhecida por todos pela beleza do seu dançar. Bailava como vivia. Intensamente. Naqueles tempos, tudo estava como deveria ser em sua comunidade²⁹.

Observa-se que Nkala estaria predestinada desde o nascimento para a ocupação do poder, pois chegaria o dia em que seria a rainha do Reino do Congo e constituiria a sua descendência e, numa clara divisão, treina com a mãe as artes para o amor e com o pai, para a guerra. A partir dessa ação, compreende-se que tinha, no Reino do Congo, ações que eram próprias das mulheres e outras que eram apropriadas para os homens, essas demonstram que as mulheres eram as responsáveis pelos cuidados com o privado e os homens, responsáveis pela segurança e gestão do que é público. Porque os significados assumidos pelo corpo sexuado não representam relação estrita com a concepção de gênero, pois se compreende que: “O que limita o que eu sou é o limite do corpo, mas o limite do corpo nunca pertence plenamente a mim. A sobrevivência depende menos do limite estabelecido para o *self* do que da sociabilidade constitutiva do corpo”³⁰.

Esse reconhecimento dos limites do corpo parece desaparecer diante da necessidade de resistência, uma vez que o não se deixar escravizar para Nkala assume um sentido maior mesmo diante do açoitamento pelo traficante de escravos, contrariando assim o estereótipo da fragilidade feminina. Por essa razão, pode ser afirmado que gênero não pode ser apenas uma interpretação cultural do sexo, mas um meio discursivo ou cultural em que a natureza sexuada se produz e também se

28 BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. (Sujeito e História)

29 SOBRAL, Cristiane. O tapete voador. Rio de Janeiro: Malê, 2016. p. 31.

30 BUTLER, Judith P. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rev. Trad. Marina Vargas. Rev. Técnica. Carla Rodrigues. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

estabelece como uma discussão anterior à cultura, tornando-se assim uma superfície praticamente neutra por meio da qual a cultura age. Desse modo, a construção da ideia de sexo enquanto categoria pré-discursiva carece ser compreendida como efeito do sistema de construção cultural que fora nomeado gênero. Além disso, a autora afirma que as categorias de gênero ou sexo têm liberdade e, essa decorre do fato de os discursos humanistas pressuporem qualquer análise de gênero. Todavia, às violências, sofridas durante o processo de escravidão dos negros, parecem carregar a não distinção dos gêneros, uma vez que todos carregavam dores similares na memória, como visto em:

O navio-prisão arrastou-se pelo Atlântico, Nkala, assim como tantos outros, foi atirada no porão, onde sentiu a dor da separação da família amada, viu amigos morrendo na travessia, outros atirados no mar. A fome e as correntes paralisavam, mas por ali não viu nem sombra da submissão. Houve rebelião naquele porão infecto, onde não jorrou apenas o sangue negro. Para sobreviver, Nkala alimentou-se de suas lembranças mantendo em estado de alerta sua alma assustada³¹.

O excerto evidencia que Nkala recorre à memória para resistir à dor do infortúnio de ter sido tirada do seu lugar, fato que permite ao leitor apontá-la como a mulher-vítima, mas que carrega em si a força da superação, que não se deixa violentar, capaz de na dor encontrar a resiliência. A resistência é também um dispositivo de reação à submissão, um não querer se deixar escravizar, visto que Nkala fora criada para ser livre e as lembranças da família parecem evocar o desejo de se libertar das agruras vividas no porão do navio negreiro. Isso só é possível porque ela fora educada para ser rainha e, mesmo diante do sofrimento causado pela separação da terra natalícia, da morte dos entes queridos, a iminência da escravidão e as lembranças guardadas por ela ajudam-na a resistir.

Nesta acepção, ressalta-se que a memória tem a “propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”³². Diante do excerto do conto e do conceito de memória apresentado acima se pode afirmar que as lembranças guardadas por Nkala são dispositivos de resistência que dão a ela a força necessária para não sucumbir, pois se entende que os dispositivos têm “sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder”³³. É na memória que a personagem mantinha intactas as lembranças de quando era livre e se preparava para ocupar o poder, ela nascera em liberdade e assim se desejava manter, não era peça para ser vendida nos

31 SOBRAL, Cristiane. O tapete voador. Rio de Janeiro: Malê, 2016. p. 31.

32 LE GOFF, Jacques. História e memória. Trad. Bernardo Leitão; Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges. 7. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. p. 387.

33 AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In. Outra travessia. ISSN 2176-8552, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, 2º semestre de 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>>. Acesso em: 03 set. 2017.

mercados tampouco para se deixar molestar nas mãos brancas dos seus algozes.

Também se admite que os limites da análise discursiva dessa categoria definem de modo antecipado as possibilidades de configuração e realização dos gêneros segundo a perspectiva da abordagem dos estudos culturais, o que sugere o reforço das fronteiras como condicionantes à afirmação de gênero como categoria culturalmente construída. Os teóricos dos estudos culturais, por sua vez, demonstram não haver uma imobilidade do sexo e da subordinação do homem ao meio cultural e a cultura como um elemento masculino capaz de dominar e subordinar as mulheres, assim como o senhor de escravos e o presidente da empresa buscam fazer com as mulheres nos contos analisados. Ainda sobre essa construção dos gêneros, diz-se:

Compreensivelmente, o esforço para localizar uma natureza sexuada antes da lei parece enraizar-se no projeto mais fundamental de se poder pensar que a lei patriarcal não é universalmente válida e determinante de tudo. Pois se o gênero construído é tudo que existe, parece não haver nada “fora” dele, nenhuma âncora epistemológica em um “antes” pré-cultural, podendo servir como ponto de partida epistemológico alternativo para uma avaliação crítica das relações de gênero existentes³⁴.

Essa construção da noção de gênero e suas relações dialogam com a proposta apresentada nos estudos do feminismo pela filósofa estadunidense, Judith Butler ao considerar que a teoria feminista presume a existência de uma identidade definida para a categoria de mulheres que possuem interesses e objetivos fundados nos discursos políticos os quais pretendem a legitimação das mulheres enquanto sujeitos políticos³⁵. Por isto, a linguagem assume a função de normatizar ou distorcer as verdades construídas acerca dessa categoria, considerando para isso a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não representada.

É desse estado de má representação da identidade das mulheres negras que se vê surgir um novo feminismo, o feminismo no qual as mulheres negras podem compartilhar suas “escrivências” e ainda dá voz às suas ancestrais que foram silenciadas nas senzalas ou abusadas sexualmente nos quartos das casas-grandes. Com isso, a ideia de que as mulheres podiam ser sujeitos perdeu a sua noção estável, tornando-se assim uma fronteira cambiante, de modo a se perceber que nem todas as qualificações são necessárias à concretização da ideia de sujeito, pois há mulheres que não são necessariamente sujeitos. Por outro lado, quando se toma a representação das mulheres negras na perspectiva escravista vê-se que a noção da diferença entre os gêneros parecia desaparecer conforme visto em:

34 BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. p. 75-76. (Sujeito e História)

35 BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. (Sujeito e História)

O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero. Nas palavras de um acadêmico, “a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa”. A julgar pela crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias³⁶.

O fragmento evidencia que as representações das mulheres negras eram diversas das das mulheres brancas, posto que nas representações dos gêneros quando se tratava das mulheres brancas ficava nítida a diferença entre elas e os homens da mesma cor. Nesse contexto de diferenças, percebe-se que mesmo com todo o processo evolutivo ainda há mulheres que se veem à mercê do domínio masculino, embora existam várias mulheres que ocupem postos que antes eram de domínio exclusivo dos homens. A extirpação da noção de gênero desaparecia porque os escravocratas pensavam apenas nos lucros obtidos com a usurpação da força de trabalho do escravo, todavia, Nkala resiste a essa imposição cultural, essa resistência sugere que ela tem consciência de si e da sua etnia. Por sua vez, para Nkala esses apagamentos da noção de gênero e da sua condição de mulher desaparecem no instante em que ela se vê escrava, conforme inscrito em:

Os gritos dos proprietários da mercadoria humana, falando em uma língua estranha, interromperam o fluxo de seus pensamentos. Tinham pressa. Ela deduziu que estivessem a deliberar sobre o seu destino e sobre o futuro do seu povo. Os poucos sobreviventes foram enfileirados naquele porto de horrores. Àquela altura, muitas manobras repressivas já haviam sido utilizadas pelo sistema colonial com o objetivo de impedir o êxito da reação anticolonialista, sobretudo a violência física e a psicológica, ambas poderosas no sentido da desarticulação das massas e do protagonismo das suas lideranças.

Nkala nunca havia sido chamada de escrava, e percebeu que, ali, todos foram, sem distinção, subtraídos de sua condição humana. Com crueldade, foram examinados pelas mãos imundas e criminosas dos europeus. Seu corpo nunca havia sido tocado pelas mãos de um homem, exceto o seu pai. Percebeu, horrorizada, que eram tratados e conferidos como se fossem objetos³⁷.

36 DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 17.

37 SOBRAL, Cristiane. *O tapete voador*. Rio de Janeiro: Malê, 2016. p. 31.

Sobre a noção de sujeito do feminismo evidente no fragmento, a partir do comportamento de Nkala, constata-se o conceito de feminismo enquanto formação discursiva representacional sujeita à ação temporal, visto que do período escravista para a contemporaneidade, muitas mudanças ocorreram. Essa noção esclarece que a noção de gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos variados contextos históricos como ressaltado pela filósofa estadunidense³⁸. Inclusive estabelece intersecções com modalidades raciais, classistas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Admite-se também que nem mesmo sem a credibilidade de antes, a noção de patriarcado ainda não foi superada de todo.

Neste sentido, a crença na universalidade e unidade do sujeito do feminismo apresenta restrições quanto aos discursos da representação. Isso contribui para o surgimento de acusações de deturpação das representações. Assim, atesta-se que: “a construção política do sujeito procede vinculada a certos objetivos de legitimação e de exclusão, e essas operações políticas são efetivamente ocultas e naturalizadas por uma análise política que toma as estruturas jurídicas como seu fundamento”³⁹. É essa ideia que Cristiane Sobral parece apropriar-se para a construção tanto de Bárbara quanto de Nkala, visto que ambas são imagens de mulheres construídas politicamente, as quais têm tanta consciência de si que não se deixam dominar, conforme visto no excerto que segue,

Nkala respirou fundo e começou a dançar, como dançava em sua aldeia, onde as danças, os cantos e os ritos eram inseparáveis, um contínuo movimento de ligação com a ancestralidade. O homem riu alto, com deboche, salivando muito, enquanto cobiçava o seu corpo nu ali exposto. Fez questão de dizer a todos que essa escrava não venderia, seria seu animal de estimação! Para os seus serviços exclusivos até que estivesse bem gasta, ocasião em que acharia algum comprador. Ora, seria o seu bônus, seu justo merecimento por tanto trabalho com esses desgraçados!⁴⁰

Em conformidade com o fragmento observou-se que o comerciante de escravos deseja se apropriar também do corpo de Nkala, recuperando assim o que Frantz Fanon chama de fetiche do homem branco pela mulher de cor, todavia, ela o ignora. Por isso, mesmo ela sendo negra contraria a ideia de que “só existe uma saída, que dá no mundo branco. Donde a preocupação permanente em atrair a atenção do branco, esse desejo de ser poderoso como o branco, essa vontade determinada de adquirir as propriedades

38 BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. (Sujeito e História)

39 BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. p. 19. (Sujeito e História)

40 SOBRAL, Cristiane. O tapete voador. Rio de Janeiro: Malê, 2016. pp. 33-34.

de revestimento, isto é, a parte do ser e do ter que entra na constituição de um ego⁴¹. Mediante o excerto anterior nota-se que há um fetiche do homem branco pelo corpo da mulher negra, pois ele não quer apenas escravizá-la para o trabalho doméstico ou nas plantações de café, mas dominá-la sexualmente, mesmo que ele fosse casado.

Também se nota que a cobiça do homem e a animalização com que ele é representado no conto de Cristiane Sobral reforçam a ideia de “que o estupro era um elemento institucionalizado de agressão... concebido com a intenção de intimidar e aterrorizar as mulheres, os proprietários de escravos encorajavam seu uso terrorista para colocar as mulheres em seu lugar⁴². Desse modo, percebe-se que as origens de Nkala dão força para que ela resista às investidas do escravocrata, enquanto ele salivava pela exuberância do corpo dela como se fosse um cão e ratificando que ela seria o seu objeto dominado, o que não acontece porque ela resiste e não obedece aos seus comandos.

A dança é para Nkala um meio de não se submeter ao poder do opressor, é uma reação ao sistema patriarcal no qual as mulheres deveriam obedecer aos homens porque eram corpos dominados pela noção de força como poder. Outro aspecto a ser ressaltado é a estereotipia que recai sobre o corpo da mulher negra como sendo um corpo erotizado, o qual é “aquele corpo que vive sua sensualidade plenamente e que busca usufruir desse prazer, passando ao leitor, através de um discurso pleno de sensações e vivência de uma experiência erótica⁴³. Entretanto, esse desejo do senhor por Nkala parece anular o domínio que cada sujeito deveria manter sobre o seu corpo, mas como um dispositivo de resistência no qual não se pode afirmar que:

Então, de uma forma literal, os homens governam o mundo. Isso fazia sentido há mil anos. Os seres humanos viviam num mundo onde a força física era o atributo mais importante para a sobrevivência; quanto mais forte a pessoa, mais chances ela tinha de liderar. E os homens, de maneira geral, são fisicamente mais fortes. Hoje, vivemos num mundo completamente diferente. A pessoa mais qualificada para liderar não é a pessoa fisicamente mais forte. É a mais inteligente, a mais culta, a mais criativa, a mais inovadora. E não existem hormônios para esses atributos. Tanto um homem como uma mulher podem ser inteligentes, inovadores, criativos. Nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar⁴⁴.

O excerto expressa a fragmentação do discurso de que o poder é característica do gênero masculino, uma vez que para a autora o espírito de liderança não é exclusivo do

41 FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 60.

42 DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 37.

43 XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Mulheres, 2007. p. 157.

44 ADICHE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Trad. Christina Baum. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 21.

mundo masculino, pois para ela o exercício do poder não depende da força física, mas da capacidade intelectual. No caso, dependendo da inteligência tanto a mulher quanto o homem podem ocupar o poder, embora no campo político e social e mesmo em algumas instituições sociais a atividade de comando é apontada como sendo um domínio dos homens e mesmo, no cenário político brasileiro, quando se vê no Congresso Nacional, menos de 10% da composição daquela casa é de mulheres. Número esse que é ainda menor quando se trata das mulheres negras e, em ambos os contos constatou-se que o masculino é colocado em posição antagônica ao feminino, aquele ocupa o poder e este não se deixa submeter como ocorrera em tempos passados.

Percebe-se que a organização da sociedade contemporânea é sustentada pelos mesmos ideais de quando iniciara a divisão do trabalho que culminara com a instituição do patriarcado, visto que o homem é quem assume a maioria dos cargos de gestão da estrutura social. Porque ainda se considera a força física como valor decisivo e o fato de as mulheres não a possuírem justificaria o estereótipo do sexo frágil e, por essa razão, deveriam ter seus corpos e mentes dominados pelos homens. Nesta perspectiva, a dualidade – patriarcado *versus* matriarcado – seria encarada como um erro, pois o que se percebeu foi que apenas os homens dominavam e as mulheres não tinham essa expressividade que a autora dos contos busca dar às mulheres por ela representadas. Inclusive, na lógica da máquina do patriarcado tem-se a “estrutura hierárquica da figura humana singular investida de poder”⁴⁵. É nessa investidura do poder que se toma a ousadia de Nkala para resistir e persuadir os outros a não se deixarem escravizar, como visto no seguinte trecho:

Com um gesto, ordenou que parasse de dançar e voltasse à fila. Nkala, desafiadora, com ares de sonho, continuou a dançar, a cantar e a bater os pés no chão. O algoz já estava de chicote em punho a proferir os insultos próprios de um opressor legítimo no ofício da subordinação. Muitas chibatadas foram desferidas no corpo em movimento de Nkala, ela parecia estar em transe, dançando, dançando...

[...]

Observando o seu movimento de resistência, outros companheiros também começaram a bater os pés no chão, a gritar como podiam, a cantar. Tentavam ainda agredir os seus algozes, em uma tentativa desesperada de libertação, acorrentados, machucados, esqueléticos, exauridos da travessia. Morreram ali, agredidos, tentando reagir aos opressores, proclamando uma desesperada insurreição. Entretanto, aquele chão em terras distantes não ficou manchado apenas com o sangue negro, o corpo branco dos senhores também foi perfurado pela inesperada revolução.

[...]

45 SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. “Não há revolução sem teoria”. In: _____. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 102. (Coleção Brasil Urgente)

Luta desigual. Tantos homens e uma única mulher vítima do espancamento coletivo. Nkala, brutalmente agredida, ainda flutuou por alguns instantes, em seus derradeiros movimentos. Só deixou de sentir dor quando entregou seu corpo à terra, enquanto os seus insubmissos olhos secos fitavam o céu cinzento⁴⁶.

Em acordo com o fragmento acima se notou que Nkala não é só contra o poder do masculino, é também contra o poder que quer dominar o seu corpo e escravizá-la, além de ser contra a escravidão dos seus irmãos negros. Por sua vez, compreendeu-se que “os abusos especialmente infligidos a elas facilitavam a cruel exploração econômica de seu trabalho. As exigências dessa exploração levavam os proprietários da mão de obra escrava a deixar de lado suas atitudes sexistas ortodoxas, exceto quando seu objetivo era a repressão”⁴⁷. Neste sentido, constatou-se que os senhores não hesitavam em punir os escravos, independentemente, do gênero deles, pois o que eles queriam coibir era a manifestação de qualquer movimento de resistência, movimento esse que fora iniciado por Nkala, o que demonstra que o comando é para quem tem a capacidade de persuadir, não apenas para quem detém de força física.

Nkala não precisou utilizar a linguagem verbal para resistir e incitar o seu povo a fazer o mesmo, ela apenas dançou, demonstrou a linguagem do corpo a partir da dança e, seguidos da batida dos pés no chão, do grito e do canto resistiram como puderam até o fim. Embora esse ato significasse perder vidas, vidas que não foram apenas dos negros, alguns brancos também sucumbiram e tiveram seu sangue derramado. Constatou-se também que mesmo nas situações de violência, o uso da força é ainda mais desigual para as mulheres, uma vez que é Nkala quem é espancada coletivamente por ter iniciado a rebelião. Assim, pode-se mencionar que Nkala é silenciada por entrar em conflito com o mercador de escravos, porque os brancos se achavam no direito de dominar os negros e, estes deveriam ser conformados com o fato de serem escravizados, inclusive as mulheres de terem seus corpos molestados por um branco.

Percebeu-se que a escrita de Cristiane Sobral nos contos aqui apresentados e no conjunto de sua obra confere o lugar de empoderamento às mulheres negras, fato que durante muito tempo não aconteceu na literatura brasileira. Neste sentido, recupera-se a ideia de “escrivência”, amalgamado por Conceição Evaristo ao se perceber que quando Cristiane Sobral escreve, ela se compromete com a vida e com a sua ancestralidade. Porque a escrita dela representa “o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma

46 SOBRAL, Cristiane. *O tapete voador*. Rio de Janeiro: Malê, 2016. pp. 34-35.

47 DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 20.

escrevivência”⁴⁸. Bárbara e Nkala têm as vozes que em outrora as mulheres negras não tinham, elas resistem contra o poder enquanto dominação do outro, não aceitam as imposições e interdições sobre os seus corpos, mesmo que para isso percam o emprego ou a vida, respectivamente.

Menciona-se ainda que o entendimento da teoria e da crítica feminista carece da apropriação dos conceitos fundamentais subjacentes a ela, pois de outro modo nenhum sujeito pode se apropriar dos conhecimentos já construídos em torno de um tema sem que tenha se apropriado dos seus conceitos fundamentais. No caso, a construção da escrita literária por mulheres negras parece estar inscrita pelos signos da resistência, tornando-a uma tessitura social que problematiza a condição em que foram colocadas outras mulheres negras, solteiras ou não, com uma diferença: elas têm voz. Por isso, pensar o gênero somente enquanto uma construção cultural e social ou palavra polissêmica sem que se fundamente na categoria biológica de sexo representa permanecer no estágio da superficialidade.

Sendo assim, gênero é um conceito que difere homens e mulheres não apenas por seus órgãos genitais, mas determinado pela cultura e realidade social. Já o feminismo consiste no reconhecimento social de que mulheres e homens têm direitos, os quais precisam ser defendidos, inclusive o de se expressar na defesa de um ideal como fez Bárbara e Nkala nos contos analisados. Por sua vez, o poder pode ser entendido como dispositivo que impõe a submissão a uma das partes do conflito, enquanto a resistência consiste na oposição ao exercício do poder. Desse modo, constatou-se que há uma imbricação entre esses conceitos onde um parece agir em função do outro e se agruparem formando um tecido coeso para tratar das identidades das mulheres negras, sobretudo, na escrita de mulheres também negras.

As personagens da contística de Cristiane Sobral convergem essas quatro categorias conceituais em si, como se uma fosse uma extensão da outra e sem a presença de cortes ou rupturas do tecido da narrativa, visto que Bárbara e Nkala reconhecem o seu lugar enquanto mulheres. São mulheres que assim como Chimamanda Ngozi Adiche, Conceição Evaristo, Angela Davis e a própria autora são conscientes da sua negritude e feminilidade, não querem ocupar o espaço do outro, já têm o seu poder e o seu espaço, são empoderadas e, por isso, resistem a qualquer tentativa que lhes queira voltar ao estado de submissão. Portanto, compreendeu-se que gênero, feminismo, poder e resistência mostram-se como categorias conceituais contínuas e servem de expressão às mulheres as quais têm consciência do seu lugar de enunciação, fato que particulariza a produção literária de Cristiane Sobral.

Recebido em 29 de setembro de 2017.

Aprovado em 21 de dezembro de 2017.

48 EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016. p. 7.